

Ser professora na pandemia da COVID-19: uma revisão sistemática da literatura

Being a teacher in the COVID-19 pandemic: a systematic literature review

Ser profesora en la pandemia del COVID-19: una revisión sistemática de la literatura

Recebido: 22/06/2022 | Revisado: 29/06/2022 | Aceito: 05/07/2022 | Publicado: 14/07/2022

Iris Clara do Nascimento Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1362-2672>
Universidade Potiguar, Brasil
E-mail: irisclarans@gmail.com

Ana Izabel Oliveira Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6755-5164>
Universidade Potiguar, Brasil
E-mail: anaizabel.psi@gmail.com

Resumo

A pandemia da Covid-19 impôs uma reconfiguração no fazer docente, como medida de atenuar o contágio e a transmissibilidade da doença, promovendo a transição do ensino presencial para remoto. Os docentes precisaram aprender a trabalhar de casa sem preparação prévia. O estudo objetivou compreender a experiência da mulher docente no trabalho remoto na pandemia. Trata-se de uma revisão sistemática de literatura acerca de trabalho docente feminino em instituições de ensino superior (IES) e contexto pandêmico à luz da *Teoria do Desgaste Mental*. Na busca inicial usando os descritores, 83 artigos científicos foram encontrados, sendo que 70 artigos foram excluídos e 13 estudos foram selecionados. Eles contemplavam o trabalho docente como objeto de estudo atrelado a outro tema correspondente a área de conhecimento, apenas 04 abordavam a experiência e os desafios da mulher docente no contexto pandêmico. Isto corrobora a necessidade de produção de estudos tratando desta realidade pouco observada, no intuito de pensarmos políticas públicas de proteção e apoio às mulheres trabalhadoras.

Palavras-chave: Mulher docente; Ensino; IES; COVID-19.

Abstract

The Covid-19 pandemic imposed a reconfiguration in teaching, as a measure to mitigate the contagion and transmissibility of the disease, promoting the transition from face-to-face to remote teaching. Teachers had to learn to work from home without prior preparation. The study aimed to understand the experience of teaching women in remote work in the pandemic. This is a systematic review of the literature on female teaching work in higher education institutions (HEIs) and the pandemic context in the light of the Mental Burnout Theory. In the initial search using the descriptors, 83 scientific articles were found, of which 70 articles were excluded and 13 studies were selected. They contemplated the teaching work as an object of study linked to another theme corresponding to the knowledge area, only 04 addressed the experience and challenges of teaching women in the pandemic context. This corroborates the need to produce studies dealing with this little-observed reality, in order to think about public policies for the protection and support of working women.

Keywords: Teaching women; Teaching; HEIs; COVID-19.

Resumen

La pandemia del COVID-19 impuso una reconfiguración en el hacer docente, como medida de atenuar el contagio y la transmisibilidad de la enfermedad, promoviendo la transición de la enseñanza presencial a la remota. Los docentes tuvieron que aprender a trabajar desde casa sin una previa preparación. El estudio se puso a comprender la experiencia de la mujer docente en el trabajo remoto durante la pandemia. Trátase de una revisión sistemática de la literatura acerca del trabajo docente femenino en instituciones de enseñanza superior (IES) y contexto pandémico a la luz de la *Teoría del Desgaste Mental*. En la búsqueda inicial utilizando los descriptores, 83 artículos fueron encontrados, aunque 70 artículos fueron eliminados y 13 estudios fueron seleccionados. Ellos contemplaban el trabajo docente como objeto de estudio relacionado a otro tema correspondiente al área de conocimiento, apenas 04 abordaban la experiencia y los desafíos de la mujer docente en el contexto pandémico. Esto corrobora la necesidad de producción de estudios sobre esta realidad poco observada, en el intento de pensar políticas públicas de protección y apoyo a las mujeres trabajadoras.

Palabras clave: Mujer docente; Enseñanza; IES; COVID-19.

1. Introdução

A pandemia da Covid-19 provocou uma crise sanitária, política e socioeconômica que impactou o cenário de trabalho e a rotina de vida das pessoas. Em virtude da alta transmissibilidade do vírus, a indefinição de tratamento e a morte alastrando-se pelos países, a medida adotada a fim de conter a disseminação da doença foi o distanciamento social (Brasil, 2020; Martins et al., 2020).

Ao final do ano de 2019 surgiu um sinal de alerta sanitário pela descoberta de um novo vírus denominado de *Corona Virus Disease* (Covid-19), cujo surgimento ocorreu na China e propagou-se pelos outros países. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em meados de março de 2020 foi declarado estado de emergência internacional de saúde pública pela pandemia vivenciada (Bezerra et al., 2020; Faro et al., 2020; Macêdo, 2020).

No território brasileiro os primeiros casos mobilizaram as autoridades sanitárias no mês de março de 2020, devido a elevação no índice de mortalidade e contágio nos meses e anos seguintes. Iniciativas governamentais surgiram no intuito de orientarem a sociedade sobre o distanciamento social e cuidados de higiene, tais como: as pessoas foram orientadas a não sair de casa, lavar as mãos frequentemente e evitar o compartilhamento de utensílios pessoais, visando atenuar o avanço da doença (Macêdo, 2020; Schmidt et al., 2020; Silva et al., 2020).

De acordo com Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que 15 milhões de pessoas morreram em todo mundo devido a Covid-19, de acordo BBC News Brasil - British Broadcasting Corporation (<https://www.bbc.com/portuguese/internacional>, recuperado em 15, maio, 2022). Já no Brasil, conforme os dados do Sistema Único de Saúde (SUS), a realidade sanitária encontra-se sinalizada em 30.182.173 pessoas recuperadas, 594.890 pessoas em acompanhamento, 31.445.137 casos confirmados, 27.796 infectados (novos casos) e 668.074 óbitos acumulados, ou seja, tais registros de óbitos retratam os casos notificados e confirmado do início da pandemia da Covid-19 até junho de 2022 (Brasil, 2022).

Diante disto, as instituições de ensino foram fechadas como estratégia de prevenção e combate à propagação do vírus, já que suas atividades são predominantemente presenciais e apresentam grande circulação de pessoas (Bezerra, 2021; Brasil, 2020; Souza & Machado, 2021).

O contexto pandêmico impôs a adoção de medidas emergenciais para atender aos novos desafios, entre elas, no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) homologou a substituição das aulas presenciais por aulas remotas enquanto a crise sanitária perdurasse (Portaria nº 544, 2020). Ressalta-se que o ensino remoto surgiu como resposta à pressão proveniente da paralisação de atividades das instituições de ensino, públicas e privadas. Este artigo tem como foco as instituições de ensino superior (IES) (Brito et al., 2021; França-Filho et al., 2020).

Tal situação redefiniu o trabalho docente, a partir do investimento em recursos tecnológicos como meio e ferramenta na efetivação de sua prática. As atividades remotas foram desenvolvidas dentro de suas casas, as quais, além do ensino também contemplam a pesquisa e extensão; participação em bancas de defesa de graduação e pós-graduação através de videoconferências; elaboração de pareceres; publicação de artigos científicos; supervisões acadêmicas; reuniões de planejamento pedagógico; construção de plano de ensino; correções de provas; relação com os discentes; e adequação de metodologias aos desafios impostos pelo cenário pandêmico etc. (Bezerra, 2021; Macêdo, 2020).

Deve-se destacar a complexidade atrelada ao trabalho docente, cujo exercício não se restringe ao aspecto pedagógico e didático a ele vinculado, embora ocupe parte privilegiada de seu fazer, ainda contempla atividades de planejamento, organização e gestão de trabalho coletivo (Alvarenga et al., 2022; Hypolito, 2010).

Ressalta-se que a experiência vivenciada pelos docentes foi desigual pelos atravessamentos sociais, como: desigualdade econômica, de raça, nas relações de classes, gênero e seus desafios particulares, os quais foram acentuados no

contexto pandêmico. Tais marcadores sociais repercutiram na adaptação de suas rotinas e no gerenciamento das novas demandas (Antloga et al., 2020; Bezerra, 2021; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

A propagação da pandemia da covid-19 evidenciou a perversa desigualdade social naturalizada por parte da sociedade e Estado, dificultando o cumprimento das recomendações de prevenção e combate ao vírus, entre elas, a permanência em casa e higiene básica, bem como acesso às condições de subsistência e renda (Mendes, 2020).

No contexto laboral, os efeitos da desigualdade socioeconômica inserida em uma cultura política, na qual preserva particularidades do colonialismo, com lento desenvolvimento social e desigual acesso à educação de qualidade, reverbera em trabalhadores vivendo o individualismo exacerbado e cansados mental e fisicamente, atuando em um meio laboral sem reconhecimento, de profunda insegurança com modelos de gestão desgastados, que fomentam a incerteza e o medo no tocante ao futuro (Seligmann-Silva, 2011).

Com a expansão do desmonte da proteção social nos países sentida no âmbito internacional e nacional, pode-se perceber a reverberação na precariedade dos vínculos de trabalho, cujo resultado revela-se no aumento de desempregados e pessoas desamparadas. Ressalta-se que a precarização instalou-se no mundo contemporâneo e seus efeitos são sentidos no mundo de trabalho por meio da precarização laboral, da saúde geral e mental, do meio ambiente, da ética, da sociabilidade e das subjetividades (Seligmann-Silva, 2011).

Os efeitos perversos foram sentidos pelos grupos minoritários e mais vulneráveis, apresentando dificuldades de autossustento, baixa escolaridade, com baixa presença no mercado formal e predominância na informalidade. Houve aumento de desemprego, diminuição de renda e medidas foram instituídas temporariamente pelo governo brasileiro objetivando atenuar os efeitos da crise e conservarem os empregos, dentre elas, Medida Provisória 936/20 que autorizava a suspensão temporária de contrato de trabalho, redução de jornada laboral, salário etc., de acordo com dados de ParMais¹ (<https://www.parmais.com.br/blog/medidas-decretadas-pelo-governo-para-empresas-e-trabalhadores-durante-a-pandemia/>, recuperado em 15, maio, 2022).

Ressalta-se que a desigualdade social de gênero torna-se contribuinte na precarização das condições laborais e dos direitos das mulheres, tornando-as parte dos grupos vulneráveis. Vários estudos apontam a existência de humilhação, superexploração, e desqualificação do trabalho feminino, desencadeando em desgaste mental e físico, vulnerabilidade social e econômica (Seligmann-Silva, 2011).

De acordo com Alvarenga et al., (2022), as autoras apontam como relevante analisar o efeito das relações sociais de gênero no exercício docente, tendo em vista que o trabalho docente é exercido predominantemente por mulheres. Em razão disso, este artigo compreende gênero como uma construção social e política vinculada aos sexos, que historicamente destaca as dissimetrias e hierarquias expressadas nas práticas sociais (Scott, 1995).

Com a inserção feminina no mercado de trabalho, observou-se o fenômeno de feminização de ofícios e ocupações laborais, ou seja, além de descrever este processo e os avanços das conquistas das mulheres, buscaram-se razões e efeitos da presença feminina no mundo do trabalho, evidenciando aspectos contraditórios fundamentados nas desigualdades de gênero, de ordem política e de naturalização ideológica de associar o sexo e supostas habilidades a determinadas ocupações e funções sociais (Alvarenga et al., 2022; Yannoulas, 2013).

Em estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019), no intuito de mapear a realidade das mulheres no mundo laboral, apontou-se a presença persistente de desigualdade de gênero revelada na fragilização dos direitos, na diferença de acesso às oportunidades e que se acentua em determinados ramos de trabalho.

¹ ParMais é uma empresa de consultoria de planejamento e investimento financeiro.

As desigualdades de gênero apresentam dissimetrias através de diferença salarial entre homens e mulheres desempenhando as mesmas ocupações, na predominância masculina em cargos de liderança, na manutenção da divisão sexual de trabalho não remunerado no ambiente doméstico, em jornadas duplas ou triplas, no cansaço físico e mental por não terceirizar demandas de cuidados, alimentação e de afazeres domésticos etc. (Alvarenga et al., 2022; Macêdo, 2020; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

No contexto pandêmico, as relações sociais de gênero foram potencializadas tornando desigual a experiência de mulheres e homens docentes. Em pesquisa realizada por uma docente na comunidade acadêmica de Moçambique, entrevistando docentes e discentes, mulheres e homens, notou-se o discurso privilegiado masculino demonstrando que suas preocupações se direcionavam as aulas, recursos tecnológicos usados e a obtenção de dados de internet com qualidade. Enquanto as docentes e discentes, além das preocupações sinalizadas pelos homens, relatavam inquietações relacionadas a manutenção dos afazeres domésticos e cuidados sanitários de seus familiares (Nhampoca, 2021).

Entende-se ser possível inferir que a pandemia não é igual para mulheres e homens, em virtude dos desafios gerados pela compreensão social, política e ideológica de gênero, cuja experiência feminina revela-se pela sobrecarga no exercício de múltiplas atividades e jornadas extensas de trabalho, que repercute na dificuldade de se manterem em suas ocupações nos espaços públicos (Nhampoca, 2021).

Em estudo conduzido pelo IBGE (2018), os dados revelaram a diferença significativa em média de horas semanais dedicadas às atividades domésticas e cuidados de familiares entre mulheres e homens, enquanto as mulheres dedicam aproximadamente 18,5 horas, em comparação ao público masculino destina 10,3 horas em tais afazeres. Vale salientar que tais dados poderão ter se intensificados na pandemia em razão das restrições.

As dissimetrias poderão ser evidentes como o dispêndio em horas semanais na execução de afazeres domésticos e no cuidado de pessoas, no entanto, algumas se apresentam sutilmente em aspectos naturalizados. De acordo com Staniscuaski (2020), as mulheres pesquisadoras, docentes e mães de crianças pequenas diminuem suas produções acadêmicas e não comparecem a eventos científicos por ausência de equipamentos sociais e suporte que apoiem a sua condição.

Na condição de docentes mães e pesquisadoras, torna-se importante problematizar a vivência delas no espaço doméstico e privado, que diverge da realidade dos outros membros da família, sobretudo de seus companheiros. Esta desigualdade reflete na sua produtividade e desempenho em termos de qualidade no trabalho, em virtude das demandas atribuídas a elas de seus filhos, excessos de afazeres domésticos, organização e planejamento diário da rotina doméstica (Souza & Machado, 2021).

Neste sentido, os direitos das mulheres apresentam pouca visibilidade, por estarem naturalizados por atravessamentos sociais, culturais e históricos. No contexto pandêmico as desigualdades sociais foram intensificadas, entre elas, as pautas atreladas às mulheres como sobrecarga desencadeada pelo exercício de sua profissão e afazeres domésticos, deixando-as em desvantagem em comparação aos homens docentes (Alvarenga et al., 2022; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

O cenário aqui apresentado relaciona-se com o conceito de desgaste, o qual conforme Seligmann-Silva (2011), trata-se do resultado da correlação desigual de poderes incidindo no trabalho e no trabalhador, despertando forças que recaem no processo saúde-doença, que resulta em deformação de quem executa o trabalho sentido no âmbito orgânico, sujeição, corrosão da identidade e caráter etc. Isto se agrava em contexto de maior vulnerabilidade, precarização das condições laborais e de vida, cuja situação esteja permeada de desigualdade, sofrimento social e distanciamento da efetivação dos direitos humanos (Seligmann-Silva, 2011).

Diante do que foi exposto, objetiva-se, com esse artigo, compreender a experiência da mulher docente no ensino superior em tempos de pandemia. Busca-se proporcionar uma análise crítica das produções científicas no cenário nacional, por

meio de uma revisão sistemática da literatura acerca da relação mulher docente - ensino superior - pandemia, ancorado na *teoria do desgaste mental*.

2. Metodologia

Este estudo é uma revisão sistemática de literatura acerca do trabalho docente feminino em instituições de ensino superior no contexto pandêmico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa a qual busca compreender o objeto de estudo por meio de como acontece e se manifesta (Turato, 2005).

De acordo com Galvão e Pereira (2014), esta pesquisa pode ser considerada como estudo secundário por se apropriar dos estudos primários como fonte de investigação e dados. Trata-se de um método direcionado a responder uma pergunta acerca de uma inquietação ou demanda específica (Ercole et al., 2014).

Existem etapas previstas na elaboração da revisão sistemática, as quais consistem em: (1) criar pergunta de pesquisa; (2) busca nas bases de dados; (3) seleção de artigos científicos; (4) apreensão de dados; (5) apreciação da qualidade metodológica; (6) elaboração de síntese dos dados; (7) ajuizamento da qualidade dos dados adquiridos na seleção dos artigos; e, por último, (8) escrita e publicação dos achados (Galvão & Pereira, 2014).

Com base nisto, a questão norteadora proposta por este estudo foi: “Quais foram os desafios enfrentados pela mulher docente de IES vivenciado no contexto pandêmico?”. Utilizou-se o *Portal de Periódicos CAPES* na busca inicial de dados, cujos resultados estavam atrelados às principais bases disponíveis pelo portal, sendo estas: *PsycINFO*, *Socindex*, *Scielo Brazil*, *Applied Social Sciences Index and Abstracts*, *Business Full Text*, *CSA Sociological Abstracts*, *Econlit*, *Education Full Text*, *Educational Resources Information Center*, *Humanities Abstracts Full Text* e *Social Sciences Full Text*.

Os descritores definidos para a busca inicial foram *mulher docente*, *ensino superior* e *pandemia*. Em relação aos critérios de inclusão foram considerados: (a) ter sido publicado entre 2021 e 2022, no intuito de mapear as produções científicas atuais; (b) texto disponível na íntegra; (c) artigos científicos; (d) publicações em português; e (e) abordando trabalho da mulher docente no ensino superior no período da pandemia.

Como critérios de exclusão foram: (a) duplicidade de publicação; (b) artigos científicos fora do período definido; (c) abordando outros temas; (d) em outros idiomas; (e) indisponíveis na íntegra; e (f) teses, dissertações etc. Na busca inicial usando os descritores, 83 artigos científicos foram encontrados, após o uso dos critérios de inclusão restaram 46 publicações as quais tiveram seus resumos lidos, os quais foram organizados em planilha do *Microsoft Excel 2010*, sistematizando as informações significativas para a respectiva categorização e descrição.

Dos 83 artigos, após o uso do filtro tempo (2021 e 2022), 33 foram excluídos restando 50, destes, 04 foram excluídos por estarem inseridos em categorias de assuntos (*students/estudantes*; *entrepreneurs/empreendedoras* – filtros propostos pelo portal) não relacionados aos descritores. Dos 46 artigos com seus resumos lidos, 33 foram excluídos por repetição (02), outros temas (25), outros idiomas (05) e pelo artigo não estar disponível por inteiro (01), restando 13 artigos científicos os quais foram lidos e analisados na íntegra.

O Quadro 1 apresenta os artigos científicos analisados nesta revisão sistemática de literatura, os quais foram organizados por título, ano de publicação, revista e principal discussão.

Quadro 1 – Apresentação dos artigos científicos considerados neste estudo sobre mulher trabalhadora, ensino superior e pandemia de Covid-19.

	Título	Ano de publicação	Revista	Principal discussão
A1	Lições Aprendidas da Experiência dos Docentes no Ensino Remoto no Contexto da Pandemia da COVID-19	2021	Holos	Este estudo buscou compreender a experiência no ensino remoto, no decorrer da pandemia da Covid-19, dos docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Discutiram a necessidade de contextualizar e adaptar o processo de ensino e aprendizagem as novas demandas; lições apreendidas da busca por estratégias de ensino compatíveis com as possibilidades e situação experienciada pelos alunos, e, por último, a vivência na busca de habilidades e conhecimentos das tecnologias de informação e comunicação, em virtude de ser o meio e as ferramentas na efetivação das aulas. Por fim, o artigo tornou-se relevante como subsídio na sistematização de processos de trabalho a partir da experiência dos professores.
A2	Experiências de ensino-aprendizagem remoto de inglês na licenciatura de letras/inglês durante a pandemia de Covid-19: multiletramentos digitais e interseccionalidade	2021	Ilha do desterro	Discuti o ensino-aprendizagem remoto de inglês na licenciatura, ressaltando o uso de metodologias ativas. Enfatizou a importância da proatividade dos estudantes, da adequação das práticas pedagógicas e a necessidade de flexibilidade dos docentes, no intuito de alcançar resultados significativos.
A3	Educação e direitos das mulheres em tempos de pandemia em Moçambique	2021	Revista de Educação Pública	Discuti desafios no ensino superior decorrentes das desigualdades sociais, em especial de gênero, que repercutiram na educação, no trabalho e direitos das mulheres. Este estudo apontou menor acesso à educação e dificuldade em usufruir de seus direitos, assim como manter a qualidade na produção e processos laborais na universidade.
A4	Dores osteomusculares e o estresse percebido por docentes durante a pandemia da COVID-19	2021	Research, Society and Development	Este artigo analisou a presença de dores osteomusculares e estresse em docentes universitários no contexto pandêmico. Foi observado uma percepção de estresse acima da média em 45,1% dos entrevistados, na efetivação de suas atividades no modelo remoto, que se encontra associada aos distúrbios osteomusculares no pescoço e ombros no recorte temporal dos últimos 12 meses.
A5	Aspectos metodológicos e desafios da Coorte On-line Comportamento Alimentar e Saúde Mental (COCASa) de docentes e discentes universitários durante a pandemia da COVID-19	2021	Research, Society and Development	Este estudo discutiu os desafios vivenciados na execução do projeto COCASa, que visava estudar o comportamento alimentar e saúde mental de docentes e discentes de IES no Brasil. Percebeu-se a potência do uso de recursos digitais como estratégia de continuidade das atividades de pesquisa, extensão e estudo.
A6	Como a pandemia da Covid-19 vem afetando o cotidiano das comunidades universitárias do nordeste Brasileiro?	2021	Mundo Amazônico	Discuti a experiência desigual dos efeitos da pandemia de Covid-19 atrelada à desigualdade socioeconômica, regional, racial, de gênero etc. Diante disso, os grupos e as regiões mais vulneráveis sentiram os impactos devastadores, como a insegurança na subsistência e o desafio para as instituições de ensino proporcionarem acesso e adaptação nas práticas pedagógicas, no intuito de colaborarem na manutenção dos discentes na educação.
A7	Condições Crônicas em Docentes do Ensino Superior: Revisão Integrativa	2021	SANARE - Revista de Políticas Públicas	Discutiram condições crônicas em docentes universitários, apresentando a predominância do estresse, o qual se encontra associado ao fazer docente, precarização do trabalho, desigualdade social de gênero, a inserção da mulher no mercado de trabalho, os efeitos do contexto pandêmico da Covid-19 no trabalho docente, estilo de vida e saúde etc.
A8	Casa, maternidade e trabalho no distanciamento social: A “pandemia” da sobrecarga de trabalho para as mulheres	2021	Revista da ANPEGE	Discuti a repercussão da desigualdade social de gênero na carreira profissional, no desempenho e na produtividade das docentes e pesquisadoras mães no contexto pandêmico.

A9	Manifestação da fadiga vocal em docentes de metodologia ativa versus tradicional durante as aulas remotas devido a Covid-19	2021	Research, Society and Development	Discuti a manifestação da fadiga vocal em docentes universitários, estabelecendo uma análise comparativa dos professores de metodologia ativa e tradicional nas aulas remotas no contexto pandêmico.
A10	A Representatividade Feminina e o Exercício da Docência no Ensino Superior	2022	Interseções - revista de estudos interdisciplinares	Discuti a representatividade feminina no processo laboral vinculado ao ensino superior. Embora tenham desafios devido a desigualdade social de gênero, observou-se a presença lenta e gradual de avanços em busca de equidade de gênero.
A11	Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação	2021	Estudos feministas	Discuti educação, gênero e estudos com foco em mulheres lésbicas e bissexuais. Também abordou os desafios, como pouco subsídio em estudos destes temas, torna-se possível visualizar avanço na visibilidade de produção científica e expansão de estudo, extensão e construção coletiva.
A12	Cinema e direitos humanos: feeling and thinking empowered	2021	Revista Direito e Práxis	Apresentou a experiência do projeto de extensão abordando direitos humanos, violência de gênero e cinema, por meio de encontros remotos objetivando intercâmbio e construção coletiva.
A13	Trabalho docente no Instituto Federal de São Paulo no contexto da pandemia de Covid-19	2021	Política & Sociedade	Discuti a condição de trabalho docente no contexto pandêmico, que se revelou através de precarização pela ausência de instrumentos e aspectos de inadequação na ergonomia, dificuldade de gerenciar demandas domésticas e de trabalho no mesmo ambiente, sofrimento psíquico e o atravessamento destes aspectos na qualidade do trabalho e no processo de ensino-aprendizagem.

Fonte: Autores (2022).

No total, 70 artigos foram excluídos da seleção dos 83 estudos encontrados na busca inicial, sendo apenas 13 artigos lidos e analisados na íntegra.

3. Resultados e Discussão

Dos 13 artigos científicos selecionados, constatou-se: 03 estudos foram publicados na área de ciências sociais e humanidades, 01 de direito, 01 de geografia, 01 de educação, 01 de literatura inglesa, 01 de saúde coletiva e políticas públicas, 01 de antropologia e 04 foram publicados em periódicos multidisciplinares.

Destes estudos apenas 04 (30,7%) discutiram como objeto principal de análise a condição docente com as relações sociais de gênero. Já os outros 09 (69,2%) estudos abordaram termos práticos do fazer docente, como a adequação de metodologias, relação docente-discente, apropriação de recursos tecnológicos no intuito de favorecer a qualidade da aula, ergonomia etc. Embora tais estudos apontem que as mulheres no contexto pandêmico apresentaram condições laborais mais precarizadas, sobrecarga e adoecimento, percebe-se não ter sido o foco de análise por não se aprofundaram em discutir os desafios particulares vividos pelas docentes à luz de marcadores sociais como recorte de gênero.

Após a leitura dos artigos selecionados, os dados foram sistematizados em categorias de análise: (1) trabalho docente no contexto pandêmico; (2) gênero e docência; e (3) o exercício da mulher docente e seus desafios na pandemia. Tais categorias serão tratadas neste artigo.

Trabalho docente no contexto pandêmico

Os 13 estudos selecionados contemplaram o trabalho docente como objeto de estudo atrelado a outro tema correspondente a área de conhecimento em que foram construídos, ou seja, condições crônicas em docentes de IES; comportamento alimentar dos docentes na pandemia; manifestação vocal dos docentes em estudo comparativo da experiência de metodologia ativa *versus* tradicional no ensino remoto; desafio do trabalho docente, expondo reflexões relacionadas à

adequação metodológica no ensino remoto, pensar adaptações da avaliação e cronograma, despertar a motivação e relação com discente (Almeida et al., 2021; Almeida et al., 2021; Alvarenga et al., 2022; Santana et al., 2021).

Outras pesquisas abordaram estratégias criativas usadas em grupos de extensão, estudo e pesquisa, no intuito de preservar o ritmo de produção acadêmica e dinamismo; lições adquiridas pelos docentes no ensino remoto; mulher docente, feminismo e desigualdade de gênero; recursos tecnológicos como mediadores e meio na efetivação no processo de ensino e aprendizagem etc. (Aua, 2021; Bezerra, 2021; Brito et al., 2021; Carvalho & Souza, 2021; Mattos et al., 2021; Nhampoca, 2021; Santana et al., 2021; Souza, 2021; Souza & Machado, 2021).

No que diz respeito ao trabalho docente na pandemia, os artigos discutiram as modificações vivenciadas de maneira compulsória, sem a preparação docente, transformando seu ambiente doméstico em salas de aula e suscitando constante adaptação de suas práticas pedagógicas, no intuito de atenderem as demandas da modalidade emergencial de ensino, o remoto. Tais condições geraram estresse e ansiedade nos docentes (Bezerra, 2021; Brito et al., 2021; Mattos et al., 2021).

No cumprimento de suas atribuições laborais dentro de suas casas, alguns elementos passaram a ser pauta de análise devido ao tempo dedicado ao trabalho, imprevisto e atravessamento na saúde do trabalhador, na disposição física e no seu desempenho e produtividade. Entre eles, a ergonomia e inadequação da infraestrutura montada em casa, que revelou condições laborais precarizadas, as quais se intensificaram pela sobrecarga do encontro de demandas de trabalho e domésticas no mesmo ambiente, jornadas extensas, mudanças e adaptações constantes nos processos de trabalho, ausência de descanso e lazer, atrelados aos sofrimentos físicos e mentais (Mattos et al., 2021; Santana et al., 2021).

Alguns estudos apontaram a presença de ansiedade e estresse nos docentes pela necessidade imposta de constante adaptação às práticas pedagógicas no trabalho remoto, assim como a demanda de se apropriarem sem treinamento prévio dos recursos tecnológicos e plataformas de ensino, enquanto eles ensinavam, compreendiam os mecanismos de funcionamento (Mattos et al., 2021).

Neste contexto de vários estressores, em estudo de Mattos et al. (2021), a percepção de estresse dos docentes, participantes da pesquisa, encontrava-se acima da média em 45,1%, associada à presença de distúrbios osteomusculares no pescoço e ombros. Embora os professores apresentaram tais demandas, quando se tratava de queixas relacionadas aos cotovelos, as atividades deles prosseguiram sem interrupção. Já alterações osteomusculares na parte inferior das costas geraram a busca por atendimento especializado de saúde pelos docentes (Mattos et al., 2021).

A necessidade do ensino remoto apresentou novos desafios e novas demandas aos professores. Eles foram convocados a se reinventarem nos aspectos didáticos e incentivados ao uso de metodologias ativas, com maior uso vocal, no intuito de elaborar vídeos com direcionamentos voltados aos estudos assíncronos, orientações e preservar a possibilidade de armazenar e preservar a aula remota (Santana et al., 2021).

Em estudo realizado por Santana et al. (2021), os professores de metodologia ativa tiveram uma percepção de maior fadiga vocal, no entanto, independente dos docentes serem de metodologia ativa ou tradicional, os autores apontaram a presença de fadiga vocal e desconforto físico atrelado ao uso intenso da voz, com remissão de tais queixas após repouso vocal. Ainda ressaltaram que as docentes de metodologia ativa exibiram maiores índices de queixas de cansaço e desconforto vocal comparados aos docentes homens.

Os autores problematizaram fatores que podem ter contribuído para a percepção aumentada de fadiga vocal dos professores, independente do uso de metodologia ativa ou tradicional, que estão atrelados as alterações situacionais de rotina e condições ambientais repercutindo no exercício do fazer docente na pandemia, como o uso de telas e fones, precarização das condições ergonômicas, postura incorreta etc. (Santana et al., 2021).

Além dos desafios e demandas percebidas na saúde física e mental dos docentes, alguns estudos apontaram lições adquiridas na experiência do ensino remoto como medida emergencial, como: reinventar-se pela necessidade imperativa de

adaptação, o que engloba metodologia e postura; considerar o contexto e apoiar os discentes; a importância do planejamento, sendo imprescindível na preparação docente e no gerenciamento dos possíveis desafios; demonstrar-se aberto aos recursos tecnológicos e à aprendizagem etc. (Bezerra, 2021; Brito, Rodrigues & Ramos, 2021).

Diante das tensões impostas pelo imperativo de adaptabilidade e inconstância acentuada pela pandemia, em um contexto neoliberal e de flexibilização, a situação laboral é marcada pelo cansaço geral e percebe-se que a fadiga mental é indissociável da física. De acordo com Brenner (1987), o acúmulo de cansaço ao longo do tempo poderá desencadear quadros compreendidos como “fadiga crônica” ou patológica, que se caracteriza pelo cansaço que não cessa ao sono diário, acompanhada pelos distúrbios de sono, pela irritabilidade, pelo desânimo, por dores variadas e alteração de apetite (Seligmann-Silva, 2011).

Este cansaço engloba a dimensão orgânica e mental ressonando em danos físicos e sofrimento psíquico, que se percebem por meio do desgaste mental e deformações cuja repercussão afeta o humor, a sociabilidade, a degradação da autoimagem e autoconfiança (Gaulejac, 1991). Além disso, o trabalho docente no contexto pandêmico viveu dias de produção sob influência de tensões nervosas e estresse, que segundo Laurell e Márquez (1983), tornam-se contribuintes para o desgaste ou a “lenta destruição do trabalhador no processo de produção” (p. 104).

É importante refletir sobre a presença constante e naturalizada do cansaço excessivo no trabalhador, tendo em vista que repercute em baixa participação social em geral, política e em lazer ativo significativo, ou seja, contribuindo para o isolamento, vulnerabilidade e intensificação de uma sujeição acompanhada de um processo de alienação. Tais elementos contribuem para o desgaste mental, físico e da subjetividade, que repercutem na degradação da identidade, projeto de vida, em quadros de adoecimento, corrosão da ética e caráter etc. (Seligmann-Silva, 2011).

De tudo o que foi exposto, observa-se que os artigos selecionados abordam termos práticos do fazer docente, como: a adequação de metodologias; relação docente-discente; apropriação de recursos tecnológicos, no intuito de favorecer a qualidade no processo de ensino e aprendizagem etc. No entanto, tais estudos não trouxeram como foco de análise a experiência dos docentes, desafios particulares enfrentados na aquisição de habilidades, conhecimentos e atitudes, vinculados aos desafios impostos pelo contexto pandêmico no ensino, nem abordaram à luz das desigualdades de gênero (Bezerra, 2021; Brito et al., 2021).

Gênero e docência no contexto pandêmico

Em relação à análise dos artigos selecionados, na categoria “*Gênero e docência no contexto pandêmico*”, 04 estudos tiveram como foco de análise mulher docente, relações de gênero e feminismo (Alvarenga et al., 2022; Auad, 2021; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

Tais artigos problematizam a experiência desigual de vivenciar o espaço doméstico pela mulher docente comparado a outros familiares na pandemia, que convivem na mesma casa e a repercussão disto na sua produtividade e desempenho nas atividades laborais (Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021); sobrecarga de atividades a serem cumpridas, sobretudo referente ao cuidado com familiares e organização do meio doméstico (Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021); com dupla/tripla jornada de trabalho (Alvarenga et al., 2022; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021); o desgaste do trabalho emocional e invisível de se ocupar em prever as necessidades de todos, ser a responsável pelo cuidado sanitário e planejamento da rotina familiar (Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021); a precarização das condições de trabalho feminino (Alvarenga et al., 2022; Auad, 2021; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

Outros temas abordados foram maternidade atrelado ao cuidado natural e instintivo da mulher, no intuito de descaracterizar como trabalho (Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021); a implicação da divisão sexual do trabalho (Alvarenga et al., 2022; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021); a dificuldade das mulheres sustentarem seu lugar no

espaço público, científico e de quem trabalha pelos percalços gerados pela desigualdade de gênero (Alvarenga, Silva & Wenez, 2022; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021); a baixa representatividade feminina nos cargos de liderança e o baixo investimento em atividade de extensão e pesquisa coordenada por mulheres, e abordando temas de desigualdade de gênero, feminismo, lesbianismo etc. (Alvarenga et al., 2022; Auad, 2021; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

Compreende-se como gênero as persistentes desigualdades entre mulheres e homens como um processo construído socialmente, atrelado aos valores dominantes e vigentes, com fins políticos, econômicos e sociais. Discute-se em gênero a oposição binária homem/mulher que se encontra arraigada socialmente como natural e divina, que por isso se revela como inequívoca e fixa, no intuito de legitimar a ordem das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos (Scott, 1955).

Esta discussão sexista prejudica o direito de as mulheres escolherem ser quem desejam ser, fazer e tornarem-se protagonistas de suas histórias. Ressalta-se que a desigualdade social de gênero não se iniciou na pandemia, apenas foi agravada com a fragilização de seus direitos, que se encontram mais precarizados pela sobrecarga de atribuições relacionadas às demandas domésticas, de cuidado e de ordem profissional, o que as deixam em desvantagem em comparação ao homem ocupando o mesmo cargo no trabalho (Nhampoca, 2021).

Em estudo realizado por Borsoi e Pereira (2011), o qual problematizou elementos vinculados às atividades acadêmicas que afetam a saúde de docentes de IES públicas, sobretudo a organização de seu tempo dentro e fora do espaço laboral, público e privado, observou-se a diferença na gerência das atribuições entre docentes homens e docentes mulheres. Constataram que as mulheres estavam mais suscetíveis a jornadas extensas de trabalho; propensas a adiarem ou terem dificuldades na manutenção da qualidade, cumprimento de prazos e se manterem produtivas no âmbito acadêmico pelas demandas de cuidado e organização diária do meio doméstico, bem como estavam mais vulneráveis ao sofrimento físico e mental (Macêdo, 2020).

O exercício da mulher docente e seus desafios na pandemia

De acordo com Lima (2020) a pandemia não foi vivenciada da mesma forma pelos países e indivíduos, ela evidenciou as desigualdades sociais, sobretudo a experiência desigual para homens e mulheres no meio público e privado, inclusive na universidade. Houve uma centralização de atividades executadas pelas mulheres, desdobrando em sobrecarga, múltiplas jornadas e desafios na manutenção de sua presença no meio público e carreira profissional (Alvarenga et al., 2022; Auad, 2021; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

Em tempos pandêmicos, os direitos das mulheres tiveram pouca visibilidade e sua condição enquanto mulher trabalhadora sofreu precarização, em virtude das diversas atividades de trabalho e domésticas, colocando-a em desvantagem em comparação aos homens desempenhando as mesmas funções laborais (Alvarenga et al., 2022; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

Em razão das medidas de combate e prevenção ao contágio da Covid-19, a rede de apoio composta por domésticas, babás e familiares como suporte ao cuidado de pessoas, limpeza do meio doméstico e o preparo de refeições não se manteve devido as restrições de circulação de pessoas, as mulheres precisaram dividir seu tempo entre atividades vinculadas à docência e ao meio doméstico, como cuidar dos filhos, ajudar nas tarefas escolares, limpar a casa etc. (Alvarenga et al., 2022; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

É necessário destacar que a sobrecarga da mulher com atividades domésticas e de cuidado caracteriza-se como trabalho, no entanto, por questão de gênero e de naturalização inerente ao ser mulher, há um processo de desqualificação deste trabalho para sustentar uma perspectiva ideológica de cuidado e amor sacrificial, ou seja, camuflando a lógica de exploração e a continuidade de privilégios aos homens garantidos pela cultura patriarcal, tornando-se um grande desafio aos direitos das mulheres pela cristalização das assimetrias sociais entre homens e mulheres. Torna-se importante compreender que as

desigualdades de gênero acompanhadas de outras injustiças poderão resultar em diversas violações de direitos das mulheres (Alvarenga et al., 2022; Nhampoca, 2021; Souza & Machado, 2021).

Em pesquisa realizada com mães pesquisadoras e professoras (Souza & Machado, 2021), as entrevistas apontaram a dificuldade das mulheres em realizarem o trabalho doméstico e o remunerado por causa da sobrecarga, resultando no adiamento das demandas laborais e de estudos. Ainda evidenciou maior prejuízo para as mulheres, em virtude da desigualdade da divisão de trabalho doméstico, já que elas eram as principais responsáveis pelo cuidado da família e casa interferindo no seu ritmo de trabalho e produção acadêmica. Vale salientar a presença de cansaço, culpa, impotência, angústia, descontrole de si e da vida e desejo de ter nascido homem pela dificuldade de ser mulher nas respostas das entrevistadas (Souza & Machado, 2021).

Segundo um estudo realizado com docentes e discentes mulheres e homens em Moçambique, as entrevistas revelaram os desafios suscitados pelas desigualdades sociais de gênero na experiência acadêmica no contexto pandêmico. Enquanto os docentes e discentes homens estavam preocupados com a qualidade dos dados móveis e da conexão de internet, a busca por melhores ferramentas e compreender o manuseio destes recursos, as mulheres docentes e discentes tinham apreensões em garantir o cuidado doméstico e sanitário de sua família (Nhampoca, 2021).

Além da elevada produtividade acadêmica imposta pelo fazer docente, as múltiplas jornadas de trabalho pelas ocupações remuneradas, pelo cuidado e pelas atividades domésticas, as trabalhadoras docentes desenvolvendo seu trabalho na modalidade *home office* podem apresentar maior cansaço e sobrecarga (Santana et al., 2021).

Salienta-se que o índice de mulheres trabalhando sete dias antes da pandemia elevou em 15,96% do trabalho durante o contexto pandêmico, já trabalhadoras mães poderão trabalhar mais pelas múltiplas atividades de cunho doméstico, de cuidado e do trabalho remunerado (Bridi et al., 2020).

Portanto, pode-se inferir que o trabalho remoto executado por homens e mulheres torna-se desigual, tendo em vista que as mulheres ocupam-se dos filhos e assumem maior demanda de trabalho doméstico, em comparação aos homens. As docentes precisaram gerenciar múltiplas atividades resultando em sobrecarga, jornadas triplas, adiando o trabalho remunerado e estudo pela construção social e de gênero do ser mulher.

Em paralelo ao panorama complexo da precarização social, do trabalho e da saúde no mundo contemporâneo, pode-se concluir que a experiência do trabalho remoto poderá acentuar o individualismo e isolamento social, com a sobrecarga e a intensificação crescente das demandas laborais suscitadas pela constante mudança, o temor de “não dar conta”, o acúmulo da fadiga ao longo do tempo, o receio de cometer erro, o medo de vivenciar o desamparo por meio do desemprego e a diminuição do desempenho poderão resultar em desgaste mental e físico, que são experienciados com maior intensidade por aqueles que sofrem com os efeitos das desigualdades sociais, em destaque nesta pesquisa, de gênero (Seligmann-Silva, 2011).

Isto se agrava em um contexto de flexibilidade e desregulamentação de contratos; com intensificação de trabalho; estratégias de controle; gestão pelo medo; dessolidarização social; desgaste ético e a instabilidade social e do trabalho, que poderão suscitar em maior incidência de patologias concernentes ao trabalho, como LER/DORT e transtornos mentais (Franco et al., 2010).

4. Considerações Finais

Essa revisão sistemática da literatura acerca da condição da mulher docente, ensino superior e pandemia observou nos artigos selecionados foco de análise em termos práticos do fazer docente, como a adequação de metodologias e relação docente-discente. No entanto, percebe-se baixa produção de estudos abordando desafios particulares vividos pelos docentes à luz de marcadores sociais como a desigualdade de gênero.

Além disso, torna-se necessário salientar a necessidade de cuidado e promoção à saúde dos docentes em virtude da experiência vivida por eles, marcada de constantes mudanças e adaptações nos processos de trabalho, de adotarem novas metodologias, de adquirirem conhecimentos e habilidades relacionadas as tecnologias de informação e comunicação, no intuito de garantirem planejamento e qualidade no seu fazer. Tais elementos suscitaram ansiedade, cansaço, insegurança e sofrimento. Deste modo, sugere-se espaços de apoio e intercâmbio de experiências através do diálogo como medida de cuidado aos profissionais da educação (Santos & Moura, 2017).

A sobrecarga e a precarização das condições laborais das mulheres docentes denunciam a perversidade da desigualdade das relações de gênero e a necessidade de pensarmos seu desdobramento na saúde da mulher, na carreira profissional, na experiência feminina do usufruto dos espaços e na fragilização de seus direitos. Isto corrobora com a necessidade de produção de estudos tratando desta realidade pouco observada, no intuito de pensarmos políticas públicas de proteção e apoio às mulheres trabalhadoras.

Em um contexto pandêmico a instabilidade e a insegurança foram acentuadas pelo medo diante do futuro e foram incrementados no âmbito laboral, suscitados pela intensificação dos processos de precarização, como flexibilização e desregulamentação de contratos, reverberando no contexto social e de trabalho, que produzem atravessamentos como o desgaste mental, na saúde e na sociabilidade, com empobrecimento da participação na vida familiar, social e política (Seligmann-Silva, 2011).

Este cenário aponta desafios de ordem política, ética, de defesa aos direitos sociais e a saúde dos trabalhadores, que se faz necessário desmistificar e romper com mecanismos naturalizados, os quais contribuem para paralisação e colocam-se a serviço de desgaste humano e adoecimento.

No que diz respeito a saúde mental relacionado ao trabalho, a *Teoria do Desgaste Mental* apresenta contribuições reflexivas e críticas sobre um panorama atualizado no campo da saúde mental do trabalhador, abordando desafios contemporâneos em busca de possibilidades e caminhos no intuito de ultrapassar os percalços, entre eles, desmistificar discursos que negam a influência de condições de trabalho sobre a saúde dos trabalhadores. Além de identificar os desafios, trata-se de envolver todos os envolvidos, ou seja, trabalhadores, juristas, legisladores, pesquisadores, representantes das organizações para pensarem transformações comprometidas com os direitos sociais e a saúde dos trabalhadores.

Há urgência por políticas públicas direcionadas à saúde, à proteção e garantia de direitos trabalhistas, à Previdência Social e ao trabalho, que estejam contextualizadas aos riscos mentais e psicossociais suscitados pelo trabalho remoto, proporcionando leis que apontem diretrizes e fiscalizem as condições laborais atuais. É possível destacar que tais reflexões devem transitar em diversas esferas sociais, no intuito de apoio às mulheres trabalhadoras e despertar ações de resistência, de construção de pautas coletivas e negociações voltadas aos processos de humanização do trabalho e ofertar fundamentos para reais transformações (Seligmann-Silva, 2011).

Por isso, recomenda-se que futuras pesquisas tenham como foco as experiências dos docentes, com o objetivo de investigar os desafios por eles enfrentados na transição do ensino presencial para a modalidade remota, considerando as dificuldades particulares e à luz de marcadores sociais, como desigualdade social de gênero. Compreende-se que tais estudos poderão contribuir para a construção de pautas coletivas e subsidiarem políticas de proteção às docentes, bem como ofertarem embasamentos para transformações nos processos de trabalho mais comprometidos com a saúde e proteção das mulheres trabalhadoras.

Referências

Almeida, G. P. de, Schritzmeyer, A. L. P. & Rodrigues, C. L. (2021). Cinema e direitos humanos (das mulheres): sentir e pensar potencializados. *Rev. Direito e Práx.*, 12(4), 2876-2898.

- Almeida, K. B. B., Androlage, J. S. & Barsaglini, R. (2021). Condições crônicas em docentes do ensino superior: revisão integrativa. *Sanare*, 20(1), 62-72.
- Alvarenga, E., Silva, E. M. da & Wenez, I. (2022). A Representatividade Feminina e o Exercício da Docência no Ensino Superior. *Interseções*, 23(3), 577-600.
- Antloga, C. S., Monteiro, R., Maia, M., Porto, M. & Maciel, M. (2020). Trabalho Feminino: Uma Revisão Sistemática da Literatura em Psicodinâmica do Trabalho. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 36(Especial).
- Auad, D. (2021). Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. *Revista Estudos Feministas*, 29(3), 01-15.
- Bezerra, A. C. V., Silva, C. E. M. da, Soares, F. R. G. & Silva, J. A. M. da. (2020). Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(1), 2411-2421.
- Bezerra, F. A. S. (2021). Experiências de ensino-aprendizagem remoto de inglês na licenciatura em Letras/Inglês durante a pandemia de covid-19: multiletramentos digitais e interseccionalidade. *Ilha do Desterro*, 74(3), 41-66.
- Borsoi, I.C.F. & Pereira, F.S.P.S. (2011). Mulheres e homens em jornadas sem limites docência, gênero e sofrimento. *Temporalis*, 11(21), 119-145. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5017169>.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Em 2018, mulher recebia 79,5% do rendimento do homem*. Rio de Janeiro: IBGE. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23923-em-2018-mulher-recebia-79-5-do-rendimento-do-homem>.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: divulgação especial - mulheres no mercado de trabalho*. https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Estudos_especiais/Mulheres_no_Mercado_de_Trabalho_2018.pdf. Acesso em: 05 mai. 2022.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2020). *Boletim Epidemiológico Especial: doença pelo coronavírus 2019*. Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública: Brasília.
- Brenner, M. H. (1987). Relation of economic changes to swedish health and social well-being. *Soc. Sci. Med.*, 25(1), 183-195.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2020). *O que é COVID-19*. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2022). *Painel Coronavírus*. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.
- Brito, J. V. da C. S. de, Rodrigues, S. dos S. & Ramos, A. S. M. (2021). Lições aprendidas da experiência dos docentes no ensino remoto no contexto da pandemia da covid-19. *Holos – IV Dossiê COVID-19 e o mundo em tempos de pandemia*, 37(4), 1-25.
- Carvalho, A. G. L. S. de & Souza, A. C. P. de. (2021). Como a pandemia da Covid-19 vem afetando o cotidiano das comunidades universitárias do nordeste brasileiro?. *Mundo Amazônico*, 12(1), 43-64.
- Ercole, F. F., Melo, L. S. & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão integrativa versus sistemática. *Rer Min Enferm*, 18(1), 09-11.
- Faro, A., Bahiano, M. A., Nakano, T. C., Reis, C., Silva, B. F. P. & Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*, 37(1), 01-14.
- França-Filho, A. L. de, Antunes, C. da F. & Couto, M. A. C. (2020). Alguns apontamentos para uma crítica da EaD na educação brasileira em tempos de pandemia. *Revista Tamoios*, 16(1), 16-31.
- Franco, T., Druck, G. & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 229-248.
- Galvão, T. F. & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiol. Serv. Saúde*, 23(1), 183-184.
- Gaulejac, V. de. (2009). *La société malade de la Gestión*. Nouvelle Edition. Paris: Senil.
- Hypolito, A. M. (2010). *Processo de trabalho docente*. In: Dalila Andrade Oliveira; Adriana Cancela Duarte; Livia Fraga Vieira (org.). Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte UFMG/Faculdade de Educação. 1 CD-ROM.
- Laurell, A. C., & Márquez, M. (1983). *El desgaste obrero em México*. México: Ediciones Era.
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. *Rev. Nufen: Phenom. Interd.*, 12(2), 187-204. Recuperado em 4 março, 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012.pdf.
- Martins, L.B., Aguiar, C. V. N. & Bastos, A.V.B. (2020). COVID-19: *Seus Impactos nas Relações Trabalho-Família* (Cap. 6, pp. 49-58). Artmed.
- Mattos, J. G. S. de, Castro, S. de S., Melo, L. B. L. de, Santana, L. C., Coimbra, M. A. R. & Ferreira, L. A. (2021). Dores osteomusculares e o estresse percebido por docentes durante a pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, 10(6), 01-13.
- Mendes, Y. (2020, maio). “Nunca tivemos o direito de ficar em casa”. *Revista Radis*, 212, 26-27.
- Nhampona, E. C. (2021). Educação e direitos das mulheres em tempos de pandemia em Moçambique. *Revista de Educação Pública*, 30, 1-21.
- Portaria nº 544 (16 de junho de 2020). *Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de*

2020. Diário Oficial da União. Ministério da Educação. Seção 1, edição 114, página 62. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>.

Santana, C., Santos, C. O. dos, Mota, A. F. de B. & Pellicani, A. D. (2021). Manifestação da fadiga vocal em docentes de metodologia ativa *versus* tradicional durante as aulas remotas devido a Covid-19. *Research, Society and Development*, 10(16), 01-09.

Santana, M. L. P. de, Oliveira, A. M. de, Cunha, C. de M., Araújo, M. da P. N., Queiroz, V. A. de O., Martins, P. C., Costa, P. R. de F., Nepomuceno, C. M., Barroso, R. da R. F., Fonseca, N. S. dos S., Oliveira, L. P. M. de, Machado, M. E. P., Machado, M. L., Santos, S. M. C. dos, Silva, K. B. B. da, Silva, H. B. M. da, Macêdo, P. F. C. de, Carvalho, M. V. de & Pereira, J. M. (2021). Aspectos metodológicos e desafios da Coorte *On-line* Comportamento Alimentar e Saúde Mental (COCASa) de docentes e discentes universitários durante a pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, 10(17), 01-17.

Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L. & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudo de Psicologia*, 37(1), 01-13.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.

Seligmann-Silva, E. (2011). *Trabalho e Desgaste Mental: o direito de ser dono de si mesmo*. Cortez.

Souza, L. B. de. (2021). Trabalho docente no Instituto Federal de São Paulo no contexto da pandemia de Covid-19. *Política & Sociedade*, 20(48), 178-197.

Souza, L. F. de & Machado, L. H. B. (2021). Casa, maternidade e trabalho no distanciamento social: a “pandemia” da sobrecarga de trabalho para as mulheres. *Revista da ANPEGE*, 17(32), 282-308.

Staniscuaski, F. et. al. (2020). Impacto do COVID-19 em mães acadêmicas. *Sciencie*. 15 de maio. 368, edição 6492, 724.

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área de saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa [versão eletrônica]. *Revista Saúde Pública*, 39(3), 507-514.

Yannoulas, S. C. (2013). *Apresentação*. In: Silvia Cristina Yannoulas (Org.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília, Abaré, p. 21-29.